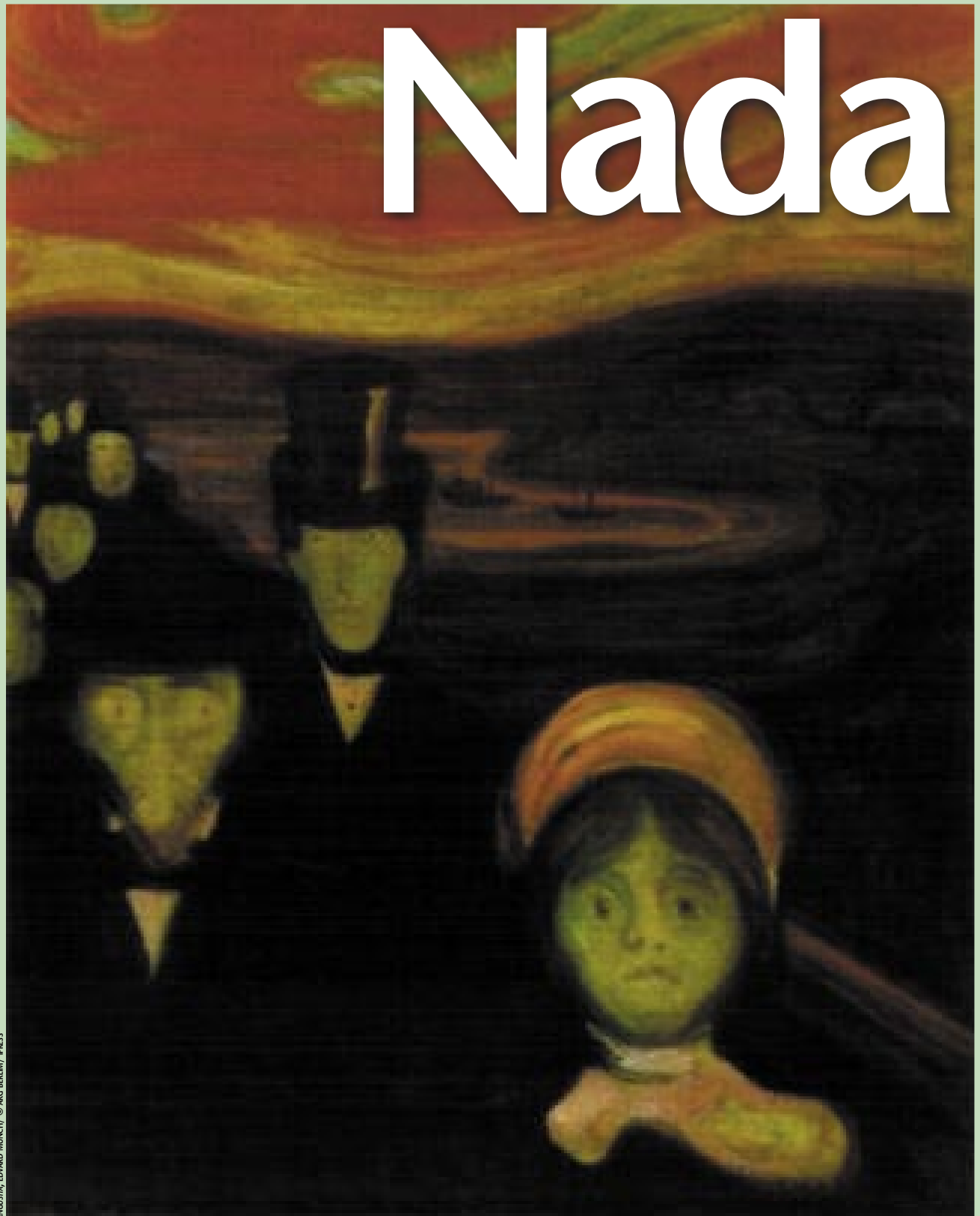


# À beira do

POR MAURO MALDONATO

# Nada



ANGÉLITA, EDVARD MUNCH / © JAC BERLIN / IPRESS

**Situação-limite que encarna uma metáfora do “moderno”, a experiência do pânico é uma condição histórica em que a angústia e o medo levam não apenas à dor mas também ao conhecimento**

## O termo *pânico* deriva do nome

do deus grego Pan. Estudiosos ligam-no a *païen*, que em grego significa “pastar”. Com o passar do tempo o termo grego *pan*, por extensão semântica, passou a significar “o todo”, que também compreende o deus oculto da floresta, do abismo e da profundidade.

Além do pastoreio, Pan governa o *timor pânico*. O mito narra que o deus Pan não suportava ser perturbado durante seu descanso vespertino. Quando isso acontecia, soltava berros apavorantes, que desencadeavam, precisamente, o *timor pânico*. Mas Pan é também o deus que rege a sexualidade, a masturbação e o desconhecido. Por isso o diabo é identificado pelos cristãos com a imagem de Pan, símbolo da sexualidade e dos instintos a condenar e combater com determinação. Segundo Plutarco, Pan morre com o advento do cristianismo, embora nem todos estejam dispostos a crer nisso. De fato, muitos acreditam que Pan esteja apenas adormecido, e que pode despertar toda vez que a Natureza e o instinto entrarem em questão.

### O ATAQUE DE PÂNICO

Na experiência psicopatológica do pânico, é a esfera afetiva que está envolvida. Por ataque de pânico entendemos um episódio de ansiedade repentino e de breve duração, que tem um pico bem definido e se extingue ao cabo de uma hora.

Caracteriza-se por uma sensação de morte iminente e por sintomas de sufocação, vertigem, tremores e taquicardia. A correlação neurofisiológica é representada por um incremento da atenção, dilatação das pupilas, taquipnéia, tensão muscular, tremor, sudorese em profusão, aumento da pressão sangüínea. Quem é atingido pode ter receio de estar com uma grave doença cardiovascular, ou enlouquecendo. Há diversas formas de ataque de pânico. As mais leves não têm reincidência e em geral são determinadas por eventos bem definidos que têm a ver com uma mudança profunda na vida afetiva. Há também o pânico provocado por certas situações ou atividades. A essa esfera pertencem as fobias, formas de ansiedade ligadas a atividades específicas, como atravessar a rua ou ficar em lugares apertados. Se o ataque for intenso e freqüente, gera tensão geral e de hipercontrole do próprio estado físico, com tendência a uma avaliação catastrófica do próprio estado.

Além disso, o ataque de pânico acarreta o receio de um novo ataque, irritação, hipersensibilidade aos estímulos físicos e preocupação generalizada com a própria saúde. Cerca de 30% a 35% da população têm ataques de pânico esporádicos em situações particulares de stress. Ataques mais graves atingem 3% a 4%. Por causa de sua maciça e progressiva disseminação, o transtorno é definido por alguns estudiosos como a *síndrome do novo milênio*.

Boa parte das emergências nos prontos-socorros são de natureza ansiosa, predominantemente determinadas por ataques de pânico. No campo clínico, ainda há muita incerteza sobre as causas e o tratamento. Esses distúrbios são tratados freqüentemente com psicofármacos (antidepressivos e benzodiazepinas), que têm efeito temporário, nem sempre resolutivo, e que por vezes acarretam efeitos colaterais indesejados. Isso sem considerar que o uso contínuo das benzodiazepinas pode gerar resistência do paciente a essa droga ou causar dependência, com a conseqüência de ser necessário recorrer a doses cada vez maiores para se obter resultados satisfatórios.

## MAIS QUE UMA EMOÇÃO

Assim representada, a experiência do pânico – classificada, justamente, como um ataque (hístico, epilético, de febre) – se encaixa perfeitamente no paradigma médico. As mais respeitadas revistas científicas propõem diversas tabelas com dez, 12 sintomas. Os mais freqüentes, os mais raros, os mais típicos. Como se estivéssemos diante de uma tábua aritmética de Raimondo Lullo, as tabelas sinópticas dos manuais estabelecem que há sudoração em 80% dos casos, palpitação em 40% e assim por diante. O *manual de diagnóstico e estatísticas* (DSM) – o grande sistema de codificação dos distúrbios psiquiátricos – rechaça toda dúvida ou aura de incerteza. Fármacos e psicoterapias, ademais, parecem prometer um futuro radiante.

Mas tudo isso basta? Ou seja, recorrer à exclusiva dimensão clínica para dar nome e origem a esse fenômeno é suficiente? É lícito duvidarmos. Essa experiência provém do *núcleo mais profundo da pessoa*. Não me refiro às “camadas profundas da psique” ou “do cérebro límbico ou do paleocórtex”. Refiro-me ao “núcleo profundo da pessoa”. Sim, “pessoa”, exatamente nos termos em que se expressavam os médicos do século XIX e do início do XX.

### O AUTOR

**MAURO MALDONATO** é psiquiatra e professor de psicopatologia da Universidade de Nápoles e de ciências do comportamento da Universidade de Basilicata. É autor de *A subversão do ser e Raízes errantes*, entre outros. – Tradução de Roberta Barri



**O PÂNICO NÃO DEPENDE** necessariamente de algo concreto. Ele expressa a relação profunda do homem com o lado negativo da existência

Claro, na experiência do pânico a mente racional é amplamente excluída e o que está envolvido são os níveis dos neurorreceptores. Trata-se de mecanismos invariáveis, quase predeterminados, que atingem do mesmo modo o homem culto e o homem inculto, o funcionário e o operário. Ora, apesar das promessas dos estudiosos sobre as *magníficas e progressivas sortes* das neurociências – que ostentam muitas evidências e dados vaticinantes intensamente sedutores – é necessário usarmos de extrema cautela. O pânico, com efeito, não “depende de algo”. Ele expressa a ligação profunda do homem com o Nada. Heidegger o demonstrou lucidamente (em *Seminários de Zollikon*) quando, ao dialogar com psiquiatras e psicanalistas a convite de Medard Boss, colocou em evidência nosso vínculo profundo com o *não-ser*. Que não é, atenção, o terror da morte, mas o horror do Nada: aquele Nada sobre o qual o ser do homem se fundamenta.

Não se trata de deixarmos a filosofia nos socorrer. Pois a ligação profunda com o não-ser é a experiência diária de milhões de homens cuja fé religiosa (pensemos no budismo e no taoísmo) se baseia no conceito de que o ser do homem se fundamenta no Nada. Como afirma Lao Tse, a essência da roda não está em seus raios, mas no Nada de onde se distribuem os raios, daquele vazio central que constitui a essência

## O conceito de “experiência do pânico” é preferível à expressão “ataque”, que traduz uma idéia generalista de algo muito pessoal

da roda. Eis por que deveríamos ser muito cautelosos ao adotar a locução “ataque de pânico”. Ao menos dentro de nós, deveríamos pensá-la como *experiência do pânico*: na qual “de” e “do” como genitivos indicam perspectivas profundamente diferentes. Com efeito, se o ataque “de” implica, inevitavelmente, uma generalização, a *experiência “do”* indica alguma coisa que me toca de perto.

De Heráclito em diante, a experiência do pânico é situação-limite, exatamente no sentido usado por Karl Jaspers muitos séculos depois. Depois de *Psicopatologia geral* e *Psicologia das visões do mundo*, o grande filósofo alemão escreveu um livro com excessiva frequência esquecido: *Introdução à filosofia*. Nesse ensaio ele fala, entre outras coisas, da situação-limite, aquela que torna autêntica a existência do homem. Para Jaspers, situação-limite típica é a morte, ou seja, o encontro com o Nada, escrito com maiúscula, como se fosse uma hipóstase (mas hipóstase não é).

Então não se trata de alguma coisa a ser aprendida ou desaprendida (como no entanto sustentam muitos psicoterapeutas cognitivistas), mas de uma experiência que se vive. O viver é aqui entendido sobretudo no sentido de Sartre (em *O Ser e o Nada*) e portanto não o “nada”, que é coisa diferente. Quem não se lembra da experiência da náusea que toca Antonin Roquentin, o famoso personagem do romance sartriano? É o pânico a precipitá-lo na náusea. O pânico, como experiência, não vem de fora, mas do *núcleo profundo da pessoa*. Nesse sentido, o existir da consciência individual, o *para-si* em Sartre, coincide em cheio com a realidade do *em-si*.

ANGÚSTIA, RAÍSTO COLAUDA

### A EXPERIÊNCIA DO LIMITE

Pânico, portanto, como situação-limite, vivência perturbadora, abismo sem fim, pura vertigem, irrupção do absurdo numa existência aprisionada nos limites do próprio em-si, na iminente ameaça da própria aniquilação. Pânico como encontro com o limite. Aqui, como é evidente, o espaço existencial é dramaticamente restrito. O paciente se sente esmagado, sufocado como dentro de um túnel, um ônibus abarrotado de gente, uma situação de desorientação na multidão. Há um fechamento repentino do horizonte, daquela experiência radicalmente humana que chamamos “horizonte”.

Esse horizonte por-*vir* é exposto ao repentino precipitar-se do pânico e nessa angústia (que não é só aflição), nessa *angina pectoris* (que, para nós modernos, também é *angina temporis*) desaparece o nosso *ser-no-mundo*. Quem experimenta o pânico sente-se desaparecer precisamente em seu *ser-no-mundo*. Ele percebe a incipiente fragmentação, a dissolução, a queda no abismo: em suma, o encontro com o *Nada*, que também é o encontro com o *Inominável*.

Todos nós estamos não apenas aqui, mas sempre em tensão aqui e lá, como consciência de alguma coisa. Estamos aqui, mas já estamos lá, no momento seguinte. Como Aulo Pérsio Flaco, na *Sátira 5*, que afirma “*boc loquor, inde est*”, ou seja, o instante em que eu lhe falo já passou. Projetamo-nos incessantemente para a frente. Nesse sentido, a perda do projeto de mundo nos expõe a um desnorтеio radical.

Tudo isso é muito mais que uma emoção, sem nenhuma ofensa aos neurobiólogos. Na verdade, seria grave se reduzíssemos o pânico a uma somatória de emoções explicáveis e classificáveis. O essencial nos escaparia. Seria como catalogar, numa espécie de delírio nomotético, um ato de amor. Não, estamos diante do *Inominável*, precisamente como Lacan nos mostrou com o *Nome-do-pai*. O que é, de fato, o Nome? Seria talvez linguagem? E o inconsciente é realmente a linguagem do outro? É isso, o *Inominável*. Melhor, o *Nome e o Inominável* em toda sua luminosa inacessibilidade.

À luz dessas considerações como é possível, então, afirmar que a experiência do pânico “*nada mais é que...*”? O “*nada mais é*” é apenas o sinal de um reducionismo míope. É necessário,

**EXPLICAR o pânico como uma soma de emoções reduz a sua compreensão e deixa escapar a essência do fenômeno**





## A sensação de angústia extrema e paralisante tem relação com a “sensibilidade para o absurdo” de que falava Albert Camus

antes, repensar a raiz desse fenômeno que sempre existiu, mesmo quando dele não se falava. Ou seja, é necessário repensar a experiência do pânico nos termos de uma “sensibilidade para o absurdo”, exatamente como escrevia Albert Camus na introdução a *O mito de Sísifo*: sensibilidade que – como para com a luz, o calor, as tonalidades – é alguma coisa que “constitui” nossos sentidos, como um inconsciente *fenomenológico*.

Quando os pacientes, impelidos pela sensação de morte iminente, ligam pedindo uma consulta urgente – “em dez minutos”, dizem, “porque sinto que estou morrendo” – manifestam toda a angústia de quem receia que aquela penosa experiência torne a se apresentar. De fato, quem experimenta o pânico, quando afinal o pânico fica para trás, continua te-

mendo o tempo todo o horrendo e repentino reaparecimento. É uma espera que se torna obsessiva, dia e noite.

Mas é realmente absurdo esperar o reaparecimento do pânico? Ou então, de algum modo, é uma forma de amadurecimento do *ser Homem* diante do insignificante, da precariedade da própria existência? Estamos no paradoxo de ter medo da angústia, medo do medo, medo do pânico. Esse círculo perverso nos paralisa, sem salvação. É um beco sem saída, um túnel em que nos metemos. Para quem conheceu a experiência do pânico, viver significa permanecer constantemente no *arquétipo do absurdo*, na impossível transparência de uma existência inquietante.

Esse absurdo do pânico desorganiza minha representação do mundo, subverte a ilusão de estabilidade que tinha derivado dali, impelindo-me à mercê do *fundo profundo* que o pânico fez emergir. Quase como se revivêssemos aquele trauma do nascimento de que falava Otto Rank em 1924, nós nascemos no pânico. O pânico da hora do nascimento indica a passagem do oceano em que estamos mergulhados e vivemos para o seco do ar livre. Esse trauma do nascimento faria emergir, em toda sua experiência de impotência, o trágico significado existencial do pânico.

Como a pedra que Sísifo tem de carregar nos ombros, o pânico diz respeito a mim, só pode dizer respeito a mim. Isso torna claro o abismo que há entre eu (que estou aqui factualmente) e o meu ser: abismo que me transcende, que é metaegóico. Porque o ser é metaegóico em relação ao existir, e é essa a fratura que me lança no desespero, num sentimento *injustificável*. Sim, injustificável: porque nada pode justificar o pânico, pois que ele é provocado pelo Nada.

Justificável, se assim for, é o sentimento que me invade ao perceber que minha mão já não obedece minhas ordens, devido a um acidente vascular. Isso sim é um sentimento justificável. Mas o pânico em si e por si é injustificável, porque nos coloca diante do *totalmente outro*, do caráter problemático constitutivo de nosso existir. Nesse encontro com o Nada, eu vislumbro minha incompletude, a precariedade, o risco: aspectos desconcertantes, todos eles, e que mais cedo ou mais tarde tenho de reconhecer como elementos

**O ABSURDO DESORGANIZA** nossa representação do mundo. Lidar com uma experiência é uma forma de amadurecimento diante da precariedade da vida



O NASCIMENTO DAS ANGIÚSTIAS, SALVADOR DALÍ / © AKG-BERLIN/IPPRESS



**APESAR DAS SOLUÇÕES MÉDICAS, farmacológicas e psicológicas de hoje, permanecemos vulneráveis às ansiedades modernas**

já não provisórios, mas constitutivos de meu próprio existir. Friso: não provisórios, como seria, ao contrário, se aceitássemos o termo "ataque de pânico". Trata-se, diferentemente, de uma experiência minha que me mostra haver algo arraigado em nós, algo constitutivo e fundamental em nosso existir.

## EPIFANIA DO NADA

Nosso existir no pânico, ou melhor, *em direção ao pânico*, testemunha perfeitamente a provisoriidade e a incerteza de nossa existência. Claro, o pânico é muito bem controlado pelo Alprazolam e por outras substâncias igualmente eficazes. Que psiquiatra deixaria de prescrever, hoje, benzodiazepina a quem tem um "ataque de pânico"? Mas, como por sortilégio, o pânico reaparece, inevitavelmente, numa medida ainda maior nesse "tempo das matérias": da matéria serotoninérgica e de outras matérias eleitas como substrato para o *ataque de pânico*.

Com um olhar diferente, o pânico se torna a epifania do encontro com o Nada, o "(...) mensageiro irrevogável da predisposição da existência à ameaça", diz B. Callieri. No exato momento do *acontecer pânico* reconheço a inadequação de minha existência, a insuficiência do âmbito puramente egóico. É nessa dimensão, nada fácil de ser captada, que vale a pena, com Pascal, fazer uma aposta arriscada. Ainda mais hoje, tempo da *meia-lua fértil* para a psiquiatria, tempo de colheita. Não resta dúvida,

de fato, que as conquistas médicas de hoje, farmacológicas e psicológicas, representam uma esperança real. Isso, no entanto, não deve fazer com que percamos de vista que somos todos vulneráveis ao pânico, que ele nos diz respeito porque todos somos "existentes". As emergências pânicas podem esclarecer as partes obscuras de nossa existência. O pânico é nossa recusa ou nossa luta contra Pan, aquela figura sensível e vital que mal se adapta às coações moralístico-rationais de uma cultura moderna que parece ter se despedido da própria origem.

De um ponto de vista tipicamente psicológico, o homem moderno não parece muito diferente de seu mais remoto antepassado. Nossas estruturas psicobiológicas ainda são as mesmas. De fato, assim que elas percebem sinais considerados perigosos por nosso sistema cognitivo de avaliação, numa fração de segundo são desencadeadas reações neuroendócrinas que predispoem o organismo a enfrentar o (suposto) perigo. O medo, assim, nos torna aptos a agir, estimula cautela nas escolhas e nos comportamentos, faz com que vibremos, mantém-nos vivos. Toda vez que deparamos com riscos e novidades temos como companheiro de viagem o medo, e sendo todo itinerário de desenvolvimento pessoal constelado de riscos e novidades, aquele que realmente quer mudar terá de achar um modo de travar amizade com esse sentimento ou deverá resignar-se a viver de modo ansioso e conflitivo. O risco de viver é o caminho terapêutico ao medo, que, como uma cruz a carregar, nos impele em direção ao conhecimento. Um homem que tenha freqüentado a "dura escola da angústia", como diria Kierkegaard, é capaz de um olhar que a pessoa que não conhece a angústia nunca teve nem nunca poderá ter. Tudo isso tem um preço muito alto. Que precisamos pagar. As coisas realmente importantes na vida sempre têm um preço. É preciso fazer com que a experiência do pânico não se torne uma coação estéril, mas algo que ajude o homem a dar vida a novas versões de si, a compreender a própria identidade e, ao se contar, construí-la. Claro, é bastante curioso, e ao mesmo tempo intrigante, que, para explicarmos a nós mesmos, tenhamos de nos inventar. Mas essa é outra história...

VCMC

## PARA CONHECER MAIS

**Quando vince l'ombra. Problemi di psicopatologia clinica.** B. Callieri. Ensaio introdutório de Mauro Maldonato. Edizioni Universitarie Romane, 2001.

**Seminários de Zollikon.** M. Heidegger. Tradução de G. Arnhold e M. F. de Almeida Prado. Educ/ABD/Vozes, 2001.

**Saggio su Pan.** J. Hillman. Adelphi, 1977.

**Razão e contra-razão.** K. Jaspers. Edições Minotauro, 1961.

**O seminário, livro 5. As formações do inconsciente (1957-58).** J. Lacan. Jorge Zahar, 1999.

**Il doppio.** O. Rank. SE Editore, 2001.

**O Ser e o Nada.** Jean-Paul Sartre. Vozes, 2000.

**A náusea.** Jean-Paul Sartre. Record, 1996.